

ESCOLA E RELAÇÕES DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DE DOCENTES DE GRAJAÚ-MA¹

Patrícia Costa Ataíde

Mestra em Educação

Universidade Federal do Maranhão

Email: ataidepaty@yahoo.com.br

João da Conceição Silva

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia

Universidade Federal do Maranhão

Email: jcs_cdd16@hotmail.com

Resumo

Este artigo questiona o papel da escola no tocante às relações de gênero e está inserido no eixo Educação, Diversidade, Gênero e Sexualidade. Portanto, objetiva perceber de que forma as relações e práticas pedagógicas são utilizadas como aliadas da reprodução da delimitação dos espaços e funções de homens e mulheres na sociedade. Utilizaram-se como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e as entrevistas com professores e professoras de escolas públicas e privadas. Buscou-se fundamentação em Bourdieu e Passeron (2008), Moreno (2003), Fagundes (2002). Os resultados deste estudo levaram à compreensão de que as práticas pedagógicas que são construídas na escola perpassam por simbolizações que direcionam o comportamento e a função que meninos e meninas devem desempenhar na sociedade. Portanto, é necessário que a escola possa garantir as possibilidades de enfrentamento das práticas sexistas através do currículo e da formação docente.

Palavras-chave: Gênero. Práticas pedagógicas. Escola

1 INTRODUÇÃO

A escola tem um importante papel enquanto instituição através do fomento de situações de ensino e aprendizagem com base no saber sistematizado, nos conhecimentos acumulados pela humanidade e, portanto, imprescindíveis para a vida social.

No entanto, questiona-se sobre as ações da escola no sentido de reproduzir a dominação dos homens sobre as mulheres. Nesse contexto, busca-se perceber de que forma as relações e práticas pedagógicas são utilizadas como aliadas da reprodução da demarcação dos espaços de atuação de homens e mulheres na sociedade.

¹ Projeto de Pesquisa realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, História e Mulheres.

Tomando-se como ponto de partida a desigualdade de gêneros, pretende-se refletir sobre as relações de gênero nas práticas escolares em Grajaú, no Maranhão. Assim sendo, como estão sendo desenvolvidas as práticas pedagógicas? Que tipo de tratamento recebem meninos e meninas? Essas práticas são tendentes à perpetuação do machismo?

2 RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

No decorrer do tempo, percebe-se uma série de avanços no tocante às transformações e avanços na sociedade, todavia, ainda é notória a desigualdade nas relações de gênero no espaço escolar, tendentes a reforçar a dominação dos homens sobre as mulheres.

Nesse sentido, a escola reproduz e é reproduzida pelas relações de poder que, ao reforçar e legitimar os valores, preconceitos e privilégios do sexo masculino sobre o feminino, define as identidades, os papéis e os comportamentos a serem adotados por homens e mulheres.

Assim sendo, para a manutenção da ordem patriarcal a sociedade se utiliza de um conjunto de mecanismos sociais voltados para a legitimação das funções a serem desempenhadas por mulheres e homens na sociedade, mecanismos esses que investem numa possível naturalidade desse processo.

A educação da mulher no lar e na escola vem servindo para reforçar esses estereótipos ligados ao gênero feminino, fazendo com que a conciliação dos papéis de educadora com os de esposa e de mãe tenha se tornado uma obrigação estimulada na mulher pela sociedade, que vem atravessando os tempos. A escola, por exemplo, reproduz as diferenças sociais entre os gêneros, historicamente construídas, e modela a mentalidade das mulheres de tal modo que, sob efeito da dominação masculina, elas fazem a opção ou escolhem áreas e cursos femininos (FAGUNDES, 2002, p. 233).

Todo poder que chega a impor significações como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força é considerado violência simbólica. Por conseguinte, a violência que se reproduz na escola pode ser violência simbólica refletida nas ações de seus agentes. (BOURDIEU; PASSERON, 2008)

Partindo desse pressuposto, os alunos e as alunas se adequam às práticas escolares orientados/as pelas identidades de gênero presentes nos livros didáticos, nos discursos dos/as professores/as e em diversas ações da escola.

Nessa lógica, ao ingressarem na escola, meninos e meninas incorporam valores impregnados de androcentrismo que, por sua vez, tem o seu embrião na família.

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre no nosso mundo. É precisamente esta metade da humanidade que possui a força (os exércitos, a polícia), domina os meios de comunicação de massa, detém o poder legislativo, governa a sociedade, tem em suas mãos os principais meios de produção e é dona e senhora da técnica e da ciência. (MORENO, 2003, p. 23).

Um aspecto importante a se considerar nesse contexto do androcentrismo diz respeito à linguagem, não somente no que tange à leitura e à escrita, mas também, à uniformização dos alunos e das alunas através da farda e da adoção de padrões de comportamento adequados para meninos e meninas, além do uso de um padrão ao se referir aos alunos e às alunas tomando-se por base o modelo masculino.

Essas práticas ocorridas na escola acontecem de maneira tão sutil, sufocadas pelos afazeres cotidianos ao ponto de serem consideradas naturais e imutáveis, tanto que é comum muitos professores e professoras não se darem conta disso.

A partir disso, é inevitável pensar sobre a formação inicial e continuada dos professores e das professoras, pois sua formação incide, sobremaneira, sobre sua prática pedagógica e, conseqüentemente, sobre a aprendizagem de seus alunos e alunas.

Nesse sentido, é relevante que as ações vivenciadas na escola tratem com a devida seriedade as práticas pedagógicas desenvolvidas e reflitam se, de fato, elas estão a serviço da superação ou da legitimação dos estereótipos de gênero. Uma das estratégias seria desconstruir a relação entre os fatores biológicos e as características dos homens e das mulheres e, como consequência, desmistificar que todos os homens são fortes, corajosos e racionais e todas as mulheres são sensíveis, frágeis e inseguras, por exemplo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando-se o universo de professores/as que trabalham nas escolas de Grajaú e o tempo disponível para a realização da pesquisa, optou-se por definir uma amostragem que representasse os sujeitos da pesquisa, priorizando-se os/as professores/as que estão no ensino superior, sem perder de vista o alcance do objeto de estudo.

Assim sendo, dentre os/as professores/as entrevistados/as, 77,7% eram mulheres e 22,3% eram homens. A idade média dos homens foi de 19 anos e das mulheres, de 23 anos.

Os/as participantes da pesquisa foram informados sobre os objetivos da mesma, bem como, a garantia do seu anonimato. Portanto, foram realizadas as entrevistas com perguntas abertas e fechadas no intuito de obter os dados concernentes ao objeto de estudo. Também buscou-se sustentação teórica a partir da pesquisa bibliográfica de obras referentes à temática estudada.

Partindo-se da premissa de que este artigo visa refletir sobre o androcentrismo nas relações escolares em Grajaú, no Maranhão, privilegiou-se nesta investigação, fazer uma comparação entre as respostas dos homens e das mulheres com base na formação e experiência profissional, além das práticas pedagógicas desenvolvidas com os alunos e as alunas.

Quando perguntados sobre a formação, 100% dos homens possuem o magistério e estão na graduação em licenciatura, quanto às mulheres, 13,3% possuem o magistério e todas estão se graduando em licenciatura.

No que tange ao tempo de experiência na docência, 50% têm 5 anos e outros 50%, têm 15 meses, dentre as mulheres, 57,1% têm 3 anos de experiência, 14,3% possuem 5 anos, 14,3%, 4 anos e, 14,3%, 2 anos de experiência.

Ao serem perguntados se separam meninos de meninas na sala de aula, 100% dos professores e das professoras afirmaram que não separam, bem como, afirmaram que não são determinados papéis diferenciados para meninos e meninas em sala de aula.

Em se tratando das brincadeiras, 100% dos homens disseram que não diferenciam as brincadeiras para meninos e meninas, já dentre as mulheres, 14,3% afirmaram que, às vezes, as brincadeiras são diferenciadas para meninos e meninas.

No tocante ao comportamento a ser adotado por meninos e meninas, 50% dos homens afirmaram que os meninos devem ser ativos e animados e as meninas devem ser frágeis, dóceis e animadas. Já dentre as mulheres, 100% fizeram alusão a características comuns a meninos e meninas.

Os dados coletados demonstram que a diferenciação nas brincadeiras está presente na prática das mulheres professoras, ao passo que, somente entre os homens houve quem considerasse diferentes os comportamentos de meninos e de meninas. Portanto, apesar de inicialmente demonstrarem que adotam práticas democráticas no contexto das relações de gênero, esses dados caminharam no sentido oposto a essas afirmações.

4 CONCLUSÃO

Este estudo permitiu uma breve reflexão acerca das relações de gênero nas práticas escolares em Grajaú, no Maranhão. Os resultados revelam que a maioria dos entrevistados e das entrevistadas afirma desenvolver práticas pedagógicas propiciadoras do tratamento sem distinção para meninos e meninas. No entanto, no que se refere às brincadeiras e ao comportamento dos alunos e das alunas perceberam-se algumas contradições.

Na verdade, embora não percebam, cotidianamente, são desenvolvidas práticas sexistas, às vezes, tão sutis, que os professores e as professoras as naturalizam. Torna-se necessário, então, investir na formação dos professores e das professoras, incluindo nas pautas de formação as relações de gênero e sua presença nas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008.

FAGUNDES, Tereza. Gênero e escolha profissional. In: FERREIRA, Silva; NASCIMENTO, Enilda. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

MORENO, Marimón. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 2003.